

Conheça as histórias de três viscondes que viveram em Belém

Três viscondes que viveram na capital paraense entre os séculos XIX e XX e as contribuições que eles deixaram para a cidade foram objeto de estudo de dissertação de mestrado

TÍTULOS DE NOBREZA

Cintia Magno

Apesar de fazer referência a um passado distante, os títulos de nobreza concedidos pela Coroa Portuguesa ou mesmo comprados por nobres da sociedade amazônica da época do Brasil colônia continuam presentes em nomes de ruas ou de casarões históricos que compõem a paisagem de Belém nos tempos de hoje.

Figurando em documentações históricas que remetem aos séculos XIX e XX, alguns dos detentores de tais títulos deixaram marcas na cidade que ajudam a preservar parte da memória da capital no período em que ela se prepara para celebrar o aniversário de 408 anos de fundação.

Figuras que faziam parte do ciclo de relações de políticos importantes para a história de Belém, como o intendente Antônio Lemos e os governadores Paes de Carvalho e Augusto Montenegro, três viscondes que viveram na capital paraense entre os séculos XIX e XX e as contribuições que eles deixaram para a cidade foram objeto de estudo da dissertação de mestrado "De imigrantes na Amazônia a nobres em Portugal - Visconde de Monte Redondo, Visconde de Penedo e Visconde de Nazaré", defendida pelo historiador Luís Augusto Barbosa Quaresma, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Ainda durante as pesquisas realizadas para a elaboração do trabalho de conclusão de curso de graduação, o pesquisador observou que figuras como o Visconde de Monte Redondo, o Visconde de Penedo e o Visconde de Nazaré apareciam de forma recorrente nas documentações históricas, mas sempre em uma posição à margem das discussões.

Foi então que Luís decidiu trazer os três viscondes para o centro da pesquisa e o que ele observou foi que os nobres deixaram contribuições importantes para a cidade de Belém e cujos resquícios podem ser vistos ainda hoje. "Eu comecei na graduação pesquisando o círculo intelectual do intendente Antônio Lemos, com a professora Maria de Nazaré Sarges, e com essa pesquisa eu dei o start para essa outra do mestrado", explica.

"Esses sujeitos vinham aparecendo na documentação e no final da minha graduação a gente desenvolveu outro projeto vinculado a essa nobreza amazônica, seja ela nascida aqui ou de fora mas que se estabeleceu aqui na região, e a partir desse projeto de pesquisa surgiu a proposta da dissertação".

Com a pesquisa que resultou na dissertação de mestrado defendida no ano passado, o pesquisador conseguiu resgatar parte da história da atuação desses personalidades que estiveram inseridos no cenário de Belém não apenas socialmente, mas também economicamente de maneira impressionante e de certa forma, também politicamente devido ao trânsito que tinham entre políticos e intelectuais da cidade à época.

"São três portugueses que vieram para Belém como imigrantes para tentar a vida, com muitos deles faziam, e que conseguiram enriquecer através do comércio, se inserir na sociedade através de ações de caridade e do casamento", explica Luís.

"Eles enriqueceram a tal ponto de serem reconhecidos perante a comunidade portuguesa e teram dinheiro para conseguir comprar um título de nobreza que não era brasileiro, foram títulos comprados ao Reino de Portugal. Então, são três portugueses que estão atuando na Amazônia, na economia, na cultura, na sociedade e que são vistos pelos portugueses como paraenses, mas que são vistos pelos paraenses como portugueses e acabam ficando naquele lugar de luso amazônicos".



EM IMAGENS 1 Luís Augusto Barbosa Quaresma em frente ao prédio da OAB 2 Casarão serviu de moradia para antigos governadores do Pará FOTOS: WAGNER ALMEIDA 3 Visconde de Monte Redondo FOTO: ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA 4 Visconde de Nazaré 5 Visconde de Penedo FOTOS: DIVULGAÇÃO



MARCA

Contribuições dos Viscondes para a cidade de Belém

● Visconde de Monte Redondo, Joaquim Antonio de Amorim (1854-1934); Fundou a "Garantia da Amazônia", primeira grande companhia de seguros das Regiões Norte e Nordeste. À frente da empresa, o visconde emprestou dinheiro para comprar o casarão da Faculdade de Direito do Pará, no qual hoje funciona a OAB.

● Visconde de Penedo, Antonio José Antunes Sobrinho (1835-1888): Foi presidente da Beneficente Portuguesa e organizou uma série de leilões e festas que culminaram na

construção do Hospital da Beneficente Portuguesa, Dom Luiz I.

● Visconde de Nazaré, Bernardo Antonio Antunes (1833-1905): Figura importante, principalmente, para a cultura e a economia. Muito atuante no Grémio Literário Português, chegando a doar livros para a Biblioteca do Grémio. Atuou, também, coletando objetos para exposições internacionais de produtos brasileiros, além de participar de atividades culturais como os festejos da morte do Marquês de Pombal.

Fonte: Jornal Beira do Rio, edição 169.

VISCONDES

● VISCONDE DE MONTE REDONDO

Como o título de Visconde de Monte Redondo, o português Joaquim Antonio de Amorim foi o que viveu mais tempo, entre 1854 e 1934. Ele emigrou para Belém na década de 1870 e logo começou a trabalhar como caixeiro. Posteriormente, ele vai conseguindo juntar dinheiro, se casa com uma paraense chamada também Joaquina, eles adotam uma menina e ele começa a participar ativamente do comércio em Belém.

"Ele fundou o que é tido como a primeira grande empresa de seguros da região Norte e Nordeste do Brasil, que é a Garantia da Amazônia. Ela é muito importante nesse período do final do século XIX e início do século XX porque a cidade está nesse período que a gente costuma chamar de Belle Époque; então, tem o comércio da borracha muito intenso, tem muitas pessoas de fora na cidade e essa companhia de seguros surge como uma das empresas para dar sustentação a esses negócios".

O negócio deu tão certo que, além da central no Pará, a empresa teve filiais no Amazonas, na região onde hoje é o Estado do Acre, no Maranhão, na Bahia, em Pernambuco, em Minas Gerais e até mesmo uma grande filial no Rio de Janeiro, na avenida que no início do século XX era o grande centro comercial da cidade, a avenida Rio Branco.

Fora do Brasil, a Garantia da Amazônia também manteve filiais em Portugal e na Inglaterra. "Até hoje a gente vê alguns prédios relacionados à Garantia da Amazônia. O prédio da OAB é um deles porque, quando o Visconde estava à frente da Garantia da Amazônia, foi a empresa que emprestou o dinheiro para a Faculdade de Direito do Pará comprar o prédio para se instalar", explica o autor da pesquisa. "Aquele outro prédio amarelo era um prédio da Garantia da Amazônia que a empresa cedeu para o governador do Estado à época, o Paes de Carvalho, morar. Depois, quem morreu nele foi o sobrinho do Antônio Lemos, o Arthur Lemos, que foi Senador da República, e o Lauro Sodré, que também foi governador, também chegou a morar nesse edifício".

Localizado na lateral da praça que abriga a Igreja da Trindade, no bairro da Campina, o casarão não apenas serviu de moradia para antigos governadores do Pará, como também faz referência a um episódio nebuloso da história da empresa que fala um pouco sobre as relações econômicas e políticas vivenciadas na época.



"Logo no início da fundação da Garantia da Amazônia a gente tem algumas situações um pouco nebulosas porque para ela poder funcionar, tinha que ter autorização do presidente. Só que ela começa a funcionar sem autorização do presidente, mas como o governador autorizando e em troca dessa autorização, o governador vem morar nessa casa", pontua o pesquisador. "Eles dão a apólice número 1 da empresa para o governador Paes de Carvalho. Então, ela é uma empresa que tem muito sucesso nesse período e é um reflexo também dessa economia da borracha". Em meados de 1914 a 1915, porém, a empresa começou a apresentar um mau funcionamento e o Visconde de Monte Redondo, que até então era muito festejado pela sociedade da época, começa a ser muito criticado. Ao fazerem uma grande acaração na Garantia da Amazônia, observaram que a empresa estava decadente e não demorou muito para que se fosse à falência.

● VISCONDE DE NAZARÉ

O Visconde de Nazaré, Bernardo Antonio Antunes (1833-1905), também teve a sua trajetória vinculada ao comércio, além de desempenhar ações voltadas especificamente para a comunidade portuguesa na Amazônia. Tanto o Visconde de Nazaré, quanto o Visconde

de Penedo, tinham empresas de navegação e outros transportes.

Os dois investiram muito nos modos que eram necessários naquele momento para o transporte de borracha e de passageiros, incluindo companhias de navegação a vapor, companhias de bondes, estradas de ferro, neste contexto, o Visconde de Nazaré se destaca como um grande comerciante da época.

"Vários pesquisadores falam que ele foi um dos maiores comerciantes da Praça do Pará do Amazonas, então, uma das empresas dele, que era a BA Antunes, ficava aqui em Belém em dois edifícios da empresa existente hoje, um fica em frente à Estação das Docas e tinha também a filial dele em Manaus, que também era um prédio muito grande", conta o Luís, autor da pesquisa.

"Então, ele era um dos grandes sujeitos dessas movimentações comerciais e ele se destaca, diferentemente dos outros, porque ele vai fazer ações específicas para a comunidade portuguesa aqui. Por exemplo, ele vai estar na fundação do Grémio Literário Português e é um dos primeiros sujeitos a doar livros para a biblioteca do Grémio".

● VISCONDE DE PENEDO

Apesar de também ter tido uma atuação muito importante no comércio, o primo do Visconde de Nazaré, o Visconde de Penedo, Antonio José Antunes Sobrinho (1835-1888), teve uma atuação número 1 da empresa para o governador Paes de Carvalho. Então, ela é uma empresa que tem muito sucesso nesse período e é um reflexo também dessa economia da borracha". Em meados de 1914 a 1915, porém, a empresa começou a apresentar um mau funcionamento e o Visconde de Monte Redondo, que até então era muito festejado pela sociedade da época, começa a ser muito criticado. Ao fazerem uma grande acaração na Garantia da Amazônia, observaram que a empresa estava decadente e não demorou muito para que se fosse à falência.

"Em determinado momento da vida, ele virou presidente da Real Associação Beneficente Portuguesa e começou a fazer campanhas para angariar fundos, bazares para poder mudar o hospital de local. São muitos anos à frente da Beneficente e ele consegue construir esse hospital. Nos jornais a gente vê muito o reflexo disso, das novidades e da modernidade desse hospital, então, ele consegue plasmar a imagem dele com esse edifício que a gente vê até hoje".